

6. Considerações Finais

Como tentamos demonstrar, ao longo deste trabalho, a Igreja pós-conciliar, entendida como mistério à luz de Cristo, comporta uma realidade profundamente escatológica, que a faz cônica de sua índole fundamental de estar plenamente referida ao Cristo como meta última de sua existência. Este mistério evidencia a natureza da Igreja, de ser sacramento, isto é, sinal e instrumento da íntima unidade de todo gênero humano, com Deus. Dessa referência, emerge a missão da comunidade cristã em conformar com a vontade divina, levando-a ao *status* de comunidade santa. Neste sentido, o Povo de Deus é nesse mundo germe da unidade de todos os fiéis em Cristo.

Para exprimir com, total grandeza, essa realidade eclesial, nós verificamos como os Padres conciliares, perceberam a necessidade de falar da Igreja referindo-se a sua dimensão mais profunda a qual denominou de índole escatológica ou tensão para o fim último da sua salvação. Com razão, identifica-se nesta tensão escatológica a transversalidade da realidade do “já” e do “ainda não” da plenitude da salvação. A plenitude da esperança faz emergir uma dimensão escatológica no mistério da Igreja a ponto de se tornar necessária a inclusão da escatologia dentro do estudo eclesial. Por isso, afirmamos com toda confiança no magistério conciliar que a escatologia é parte essencial do edifício eclesiológico do Concílio Vaticano II. Neste sentido, constitui elemento fundamental a ideia de que a dimensão escatológica orienta a comunidade cristã para sua missão. A Igreja por meio dela busca unir, no tempo histórico de sua peregrinação, a realização das promessas messiânicas e a espera, não apenas afetivamente, mas sim efetivamente da consumação do Reino de Deus.

A importância do sétimo capítulo nasce dessa abertura que os Padres enxergaram na natureza da Igreja, pois ela deve, como comunidade escatológica, de salvação, congregar todo o gênero humano na caminhada rumo à promessa da redenção universal. Por causa dessa missão, deve ser uma voz que cale no coração do homem atual, ter uma mensagem que vá além das letras e atinja a vida concreta das pessoas. A relevância da escatologia do Vaticano II está na unidade entre a

busca incansável pelo Reino de Deus e a promoção desta salvação já aqui na vida desse mundo, pois um discurso escatológico que apresente uma dicotomia entre céu e terra, sem referências recíprocas, tornar-se-ia anestésico, que até alivia a dor mais não cura a doença fundamental do homem pós-moderno. Isso porque a crise hodierna é uma crise de sentido último e não apenas referenciais figurativos. A relevância da inclusão do tema escatológico na Constituição Dogmática *Lumen gentium* consistiu em colocar a escatologia no contexto deste mundo atual. O filão escatológico do Vaticano II é afirmar o discurso do *Éschaton*, perpassado nesta realidade histórica. A novidade do Concílio com relação aos outros posicionamentos escatológicos do magistério versa na insistência da unidade entre a Igreja peregrina com a Igreja celeste.

Uma outra novidade da escatologia do Vaticano II foi ter trazido a discurso escatológico para dentro da eclesiologia como algo presente na vida de cada fiel. Não se precisa morrer para vivenciar a presença da graça. O banquete final, “já” pode ser sentido e vivido sacramentalmente nas realidades deste mundo. Foi superado, assim, um conceito temporal de Igreja: não existe uma Igreja lá, distinta desta aqui. Tudo é a mesma Igreja que atua e vive na peregrinação rumo à plenitude “ainda não” realizada. Os santos não são supercristãos, mas homens e mulheres que fizeram sua caminhada, na fidelidade, no amor e na observância da justiça, e estão gozando a plenitude da graça.

Para os Padres conciliares a escatologia está presente em todos os níveis de reflexão eclesiológica. A prova disso é que na Constituição *De Ecclesia*, percebe-se o entrelaçar do tema escatológico; quer seja no primeiro capítulo, em que a Igreja é apresentada como mistério, quer seja no quinto capítulo, em que a Igreja é convocada a ser santa como Deus é santo; ou ainda no oitavo capítulo, em que a Igreja é apresentada com a imagem da bem-aventurada Virgem Maria, sinal da Igreja celeste, sem mancha e sem defeito⁴⁰⁶.

A realidade escatológica de nossa vocação possui dois momentos, que juntos formam uma única via: a Igreja, ainda terrena, marcada pela fase sacramental da graça salvadora de Deus e a fase final, como comunidade

⁴⁰⁶ KLOPPENBURG, Frei Boaventura, OFM, *Concílio Vaticano II*, op. Cit., pp. 11-14; . MOLINARI, P., “A Índole Escatológica da Igreja Peregrinante e suas Relações com a Igreja Celeste”. op. Cit. pp. 1136-1137.

consumada e totalmente santificada, isto é, a chamada Igreja dos santos ou celeste. A experiência da comunidade escatológica vai além dessa imagem histórica que nós apalpamos, pois a meta não é a Igreja sacramental, mas a plenitude da Salvação. O Povo de Deus, nascido da experiência do ressuscitado está sempre em marcha para Deus. A vocação da Igreja configura-se entre peregrinar ao encontro definitivo com Senhor, vivendo em meio à realidade deste mundo e as esperanças futuras⁴⁰⁷.

Pela sua natureza, a Igreja carrega em suas estruturas uma tendência escatológica conatural à sua existência. Essa força vital faz enxergar a verdadeira riqueza da Igreja e a profundidade das relações existentes entre os seus membros. A *congregatio fidelium* não é apenas a realidade visível nos seus sacramentos e instituições⁴⁰⁸, consiste numa forma divina de expansão da graça de Cristo no mundo, e, como tal, é impingida a dar testemunho de fidelidade a Deus, servindo aos irmãos na fé. Ela, neste contexto, une no louvor a Deus todos os batizados, chamados a santidade.

Como a esperança na salvação é o objetivo da mensagem da Igreja urge a ela construir neste mundo as condições necessárias à efetivação do Reino de Deus. O papel do Novo Povo de Deus é tornar-se no mundo um sinal escatológico desse Reino de amor, paz e justiça. Por isso, a abertura impetrada pelo sétimo capítulo da *Lumen gentium* trouxe para todo o cristianismo um vento novo, pois a partir da consciência da sua missão escatológica a Igreja sente-se obrigada a dialogar com o mundo e, juntamente com ele, construir caminhos de tolerâncias entre as comunidades cristãs consigo e com as outras religiões. O discurso da índole escatológica torna evidente o sentido da *ecclesia* num contexto muito mais espiritual do que simplesmente histórico. A Igreja de Cristo é a assembleia dos batizados, chamados ao amor que santifica e consagra toda a realidade criada. A missão do cristão vai, neste sentido, além dos muros do velho cristianismo dos anátemas para o novo horizonte do acolhimento e do respeito. A verdade nunca

⁴⁰⁷ A relevância do sétimo capítulo corrobora-se pela tensão escatológica da Igreja de ser ao mesmo tempo “já” participe da salvação como Igreja peregrina e “ainda não” possui a plenitude da graça. Sobre esse assunto é bom verificar J. Koclega, *L'indole Escatologica della chiesa: La prospettiva “già e non ancora” della pienezza del nuovo popolo di Dio nel capitolo VII della Lumen gentium* op. cit., pp. 38-40.

⁴⁰⁸ Cf. Riudor I. “Comentários sobre o Vaticano II”. In Vaticano II: *Documentos, enciclopédia conciliar, historia douctrina*, Lisboa: Editorial Regina, 1971, p.108-113;

muda – isso é norma de fé –, mas hoje, mais do que nunca, a linguagem da verdade precisa encontrar regaço no coração da humanidade. Urge, portanto, encontrar formas novas de falar da única e irrenunciável verdade de Cristo.

Esse entendimento é indispensável para compreender a necessidade de um capítulo de escatologia dentro da reflexão eclesial. Não se pode fazer um discurso aprofundado da eclesiologia, deixando em segundo plano a escatologia. A Igreja existe para levar ao conhecimento de Cristo, que já antecipou em sua própria realidade a salvação de todos. A tensão escatológica impele, portanto, ao desejo de viver com Deus a insatisfação com esse mundo e o viver a redenção em Cristo.